

Ódio à cidade: da transcendência à imanência¹

Jacques Lévy

Resumo

O mito de Babel (Gênesis 11, Velho Testamento) é um exemplo antigo e puro do uso da urbanidade e do globalismo como evidências de arrogância humana. A análise apurada desse texto curto, mostra que a rejeição à urbanidade não é efeito de uma metáfora vaga; baseia-se na observação de que a fabricação das cidades representa a expressão perfeita da capacidade humana de realizar planos autônomos simples, mas, ao mesmo tempo, ambiciosos. A afirmação de que a urbanização e a cooperação de todos os seres humanos seriam um pecado não é tão fácil de ser mantida hoje em dia, mas as ideologias libertarianistas ou neonaturalistas mais recentes, que substituíram a transcendência pela imanência, surgiram e conseguiram se integrar a uma continuidade histórica na atualidade com predominante demanda religiosa. A relutância em relação a uma possível emancipação, por meio de arranjos espaciais auto organizados, continua a conectar a atividade urbana a uma postura anti-societal e anti-humana mais ampla.

Palavras-chave: *Babel; urbanidade; transcendência; imanência; libertarianismo; neonaturalista.*

Há certa continuidade na presença de atitudes antiurbanas (de longa duração) no processo histórico. As três religiões monoteístas demonstram pelo mito de Babel que, na Antiguidade, mesmo quando a taxa de população urbana era muito baixa, o processo social de construção da

¹ Tradução de trabalho de Jaime Oliva e Enrique Staschower de texto publicado originalmente em Cad. Metrop., São Paulo, v. 23, n. 51, pp. 499-517, maio/ago 2021
<http://dx.doi.org/10.1590/2236-9996.2021-5103>
Artigo publicado em Open Access Creative Commons Atributio.

cidade foi tratado como um exemplo forte de arrogância, como um desafio humano às prerrogativas de Deus. Esse período começou com a escrita do Antigo Testamento (por volta do século V a.C.) e continuou até que a leitura literal das escrituras prevalecessem (para alguns crentes, até hoje) e a partir de então, tem havido uma "geografia" vertical divina de descontentamento com base no descontentamento de um certa geografia. Seu alvo tem sido a cidade como uma escolha espacial, uma configuração espacial e uma forma espacial de construção de sociedade.

Neste artigo, é realizado um salto de tempo ousado e os caminhos de uma complexa transformação do mito são identificados em práticas e ideologias contemporâneas. Essa é a perspectiva de longo alcance que torna visível a combinação de continuidade e descontinuidade da história das ideologias antiurbanas.

Apesar das grandes mudanças nos mundos sociais e em suas auto-representações e, particularmente o desaparecimento progressivo e generalizado do presença efetiva de um Deus nas sociedades ocidentais, a capacidade de resiliência de atitudes antiurbanas é realmente impressionante. Essa permanência é possibilitada por uma transformação na estrutura de base, em que o ódio pelas cidades pôde sobreviver e até prosperar em contextos muito diferentes, nos quais a relação hostil com a urbanidade saltou de um veículo a outro, que estava convenientemente disponível no percurso. Essa nova estrutura é dupla: os adoradores da natureza (portadores de uma religiosidade anti-humanista, os neonaturalistas) e o libertarianista², que é aquele que adota uma postura anti-societal. Em ambos os casos, a imanência se sobrepõe à transcendência, conservando a mesma rejeição de qualquer auto-organização do mundo social. A principal mudança que se manifesta

² O libertarianismo refuta a necessidade de instituições sociais e claro, do Estado. Coletivos sociais? No máximo os de tipo comunitário ou efêmeros vinculados a algum objetivo reversível como mobilizações patrióticas e ideológicas, em geral. Não aceita a "societalidade" (de societal, logo da forma sociedade), visto que contesta o pertencimento a uma totalidade que tem seus próprios recursos e seus próprios objetivos, que devem conviver com os objetivos individuais. N.T.

nessas atitudes é que a transcendência foi substituída pela imanência, pois a rejeição ao autodesenvolvimento urbano, à autonomia humana e ao Iluminismo estão presentes em níveis comparáveis.

Contudo, não seria essa semelhança entre o antigo e os atos e os discursos contemporâneos, apenas uma interpretação falaciosa a partir de uma insignificante e superficial coincidência? A pergunta obviamente merece ser feita. A interpretação proposta aqui é que os ambientes sociais e os motivos dos atores certamente mudaram, mas em ambas situações, o ódio pela cidade tem a ver com a emergência da ética como um processo histórico de múltiplos estágios. Nos tempos antigos, a necessidade de mandamentos morais, supostamente externos ao agenciamento humano, era vista como incompatível com um plano de urbanização, não hierárquico, e a globalização que Babel sintetizou. Hoje, a liberdade-responsabilidade-igualdade, tríade que acaba sendo fundamental na urbanidade e no urbanismo, é a pedra angular de um progresso, de uma virada ética (LÉVY, 2021) que em certos setores da sociedade, gera amargura e hostilidade. Contextos e razões são diferentes, mas a proximidade entre a experiência urbana e certos padrões sociais perduram.

Gênesis 11: condenando as cidades como espacialidade humana auto-organizada

O que pode ser dito no âmbito das ciências sociais sobre o mito de Babel (Gênesis 11, Antigo Testamento) não pode vir apenas da abordagem de um texto; em vez disso, deve derivar de uma análise multi-contextual.

Uma leitura de ciências sociais

Lendo um texto que foi escrito no Oriente Médio, entre o século VIII e o século II a.C, cuja difusão foi extraordinariamente vasta no espaço e no tempo, torna-se mais importante uma pergunta, não trivial, sobre o

conjunto mais relevante de interpretações. Quando olhamos para o próprio texto como uma produção localizada em um dado contexto histórico e uma situação geográfica específica, relacionar o seu discurso às realidades então existentes, é algo que deve ser realizado com cuidado.

As cidades daquele período, por exemplo, não eram tão complexas e populosas como são as cidades de hoje, e isso pode significativamente mudar a substância de qualquer alegoria urbana. Entretanto, inversamente, algumas das características universais de urbanidade e da urbanização já estavam presentes naquela época, e por isso podemos usar a palavra “cidade” para designar a Babilônia de Nabucodonosor II e a área urbana contemporânea do Delta do Rio das Pérolas. Não há nada óbvio aqui, e isso supõe o uso, em segundo plano, de uma teoria precisa da urbanidade (ver LÉVY, 1994; LÉVY & LUSSAULT, 2013), capaz de detectar semelhanças e diferenças entre cidades que são tão diferentes umas das outras.

Quanto à longa genealogia da recepção desse texto, temos que nos prevenir do risco de descontextualização. É uma reivindicação clássica das organizações religiosas e dos ativistas que se retire das suas “escrituras” a condição de criação humana, de suas condições de produção e de difusão, o que é totalmente oposto à metodologia científica. Além disso, pretender que cada período poderia, legitimamente, encontrar parte da verdade no mesmo texto, é algo, no mínimo, escorregadio. Claro, os cientistas hoje descobrem novos caminhos de interpretação, mas isto não significa que um texto antigo seria menos submetido a mutações históricas do que qualquer realidade social. Nos estudos religiosos, muitas vezes, nós enfrentamos a resistência de teólogos que tentam conter a obsolescência de seus discursos ao propor novos significados para antigas afirmações. O raciocínio implícito é que fazer uma leitura “literal” das escrituras seria cometer o equívoco de ignorar que Deus tinha de falar com as pessoas pobres e ignorantes daquela época, tendo que fazer ajustes na verdade (Ele, é claro, sabia perfeitamente disso), ao criar um

material pedagógico em condições de ser entendido. Hoje em dia, sofisticadamente educados como somos, podemos finalmente alcançar a própria substância de Seu pensamento. Por exemplo, a criação não teria ocorrido em seis dias, mas em seis períodos geológicos. Como veremos no caso de Babel, algumas interpretações recentes dissidentes não hesitaram em apagar qualquer conflito entre Deus e a humanidade.

Esses teólogos prosseguem, em condições adversas, uma longa tradição (particularmente dominante no Cristianismo Católico, no Islamismo Xiita e no Judaísmo Rabínico) de interpor seus pontos de vista como interpretações oficiais entre um texto e seus leitores. Eles carregam o seu fardo criacionista e eles realizam seu trabalho político e, nós, de nossa parte, levamos nosso compromisso científico a sério. Nessa perspectiva, o que podemos dizer sobre o texto de Gênesis 11? São duas questões: o que é dito sobre os humanos e sobre as suas sociedades e cidades? Qual a descrição de Deus sobre essas questões?

O Pecado da Urbanidade

Gênesis 11: 1

Agora o mundo inteiro tinha uma língua e um discurso comum.

O “agora” mostra que esta é uma nova era, em comparação com os episódios anteriores do Gênesis. A possibilidade de interações linguísticas ilimitadas é uma condição para uma sociedade existir. A compreensão mútua é elemento fundamental no surgimento de uma sociedade mundial, pois é uma ferramenta para transações, para interações afetivas, para criações cooperativas e produções, para debates éticos ou políticos.

Gênesis 11:2

Conforme as pessoas se moviam para o leste, elas encontraram uma planície em Shinar e lá se estabeleceram.

Gênesis 11:3

Eles disseram uns aos outros: "Venha, vamos fazer tijolos e asse-os bem." Eles usaram tijolo em vez de pedra, e alcatrão para argamassa.

A parcimônia é típica do agenciamento urbano, e geralmente mais ainda no desenvolvimento humano. No texto, não há vestígios de luxo, vício ou qualquer corrupção material – nada comparável à adoração do Bezerro de Ouro (Êxodo 32) ou com Sodoma e aos comportamentos pecaminosos de Gomorra (Gênesis 18-19). Além disso, fazer mais com menos é um possível resumo para o paradigma de desenvolvimento sustentável. De volta a esse tempo (os oásis pré-romanos das sociedades do Oriente Médio), a cidade rapidamente se transformou como um bom compromisso entre a relativa leveza das infraestruturas imobilizadas e o potencial de permanência dos assentamentos humanos que ela permite. A principal dimensão mental e imaterial de uma cidade aparece nessa narrativa da construção fácil e de baixo custo.

“Disseram-se um ao outro”: nenhum autocrata, nem uma hierarquia interna ou de poder são mencionados. O que é importante para os autores é focar em um empreendimento coletivo. No texto nunca está dito que essa coesão do grupo é devida a uma restrição ou um princípio exógeno, imposto aos seus membros: a própria existência da sociedade deve ser atribuída ao seu próprio plano e ao desempenho que permite alcançá-lo. Há um nós, e não eles; portanto, não há um “comunalismo libertarianista” na forma como a sociabilidade humana é descrita.

Gênesis 11: 4

Então eles disseram: "Venha, vamos construir para nós mesmos uma cidade, com uma torre que chega aos céus, para que possamos fazer um nome para nós mesmos; caso contrário, seremos espalhados pela face de toda a terra."

“Vamos construir uma cidade para nós mesmos”: o princípio da auto-organização do mundo humano e da autonomia dos humanos diante de Deus é o primeiro elemento visto como arrogância, que motiva a reação de Deus. Os protagonistas somos nós, claramente. O rival de Deus, no caso, não é um conjunto de comportamentos individuais, como o que destaca o Antigo Testamento, em narrativas frequentes. No caso de Babel, o agente “nós” não gera uma punição coletiva pelos pecados cometidos por um indivíduo ou por um pequeno grupo; em vez disso, o que causa a punição é um coletivo: o ser humano como uma sociedade.

“Faça um nome para nós mesmos” geralmente é interpretado como a ideia de um coletivo transgeracional de identidade estável. Esse é o segundo elemento: a longa duração da presença humana possibilitada por uma cidade, que pode ser vista como uma alternativa ao nomadismo, juntamente com a agricultura. Essa oposição é tematizada numa seção anterior (4, 1-15) do Gênesis: o agricultor criminoso Cain pode representar, como Babel, a rebeldia à submissão do humano a Deus que é colocada pelo autodesenvolvimento potencialmente ilimitado de um determinado lugar (um campo cultivado ou uma cidade). “Faça um nome para nós mesmos” significaria conquistar uma autonomia produtiva autossuficiente.

Em que consiste exatamente o plano de Babel? A torre alta descrita por Gênesis 11 evoca alguns presságios (oráculos) no Shumma Alu, a série Paleo-Babilônica de textos sagrados (século 11 a. C.): “Se uma cidade levanta sua cabeça em direção ao céu, aquela cidade será abandonada” (1.15), e “Se uma cidade se ergue como o pico de uma montanha até o meio do céu, essa cidade será transformada numa

ruína” (1.16). Cidades mesopotâmicas eram frequentemente construídos em colinas, com o templo no terreno mais alto. O teor desses presságios, entendidos no contexto da série de presságios, é essencialmente o de uma rivalidade entre cidades que poderia levar a guerra e destruição. Assim sendo, Peter J. Harland (1998) mostrou que a irritação de Deus, não era exatamente pela da altura da torre. Nesse contexto, muitos zigurates foram descritos como alcançando os céus. “A ação de Deus, portanto diz respeito à unidade do lugar”, resume Harland (p. 529). O que estará em jogo, portanto, será a produtividade espacial (horizontal) do espaço urbano, em vez da sua verticalidade física.

Gênesis 11:5

Mas o Senhor desceu para ver a cidade e a torre que o povo construía.

“A cidade e a torre” como um todo: um sistema espacial e um processo temporal. Essa é, indubitavelmente, a expressão urbana da arrogância capaz de fazer algo consistente e estável, como se fosse Deus.

Gênesis 11:6

O Senhor disse: "Se como um povo falando a mesma linguagem eles começaram a fazer isso, então nada que planejem fazer será impossível para eles".

Graças às suas ferramentas de interação, as sociedades são capazes de realizar trabalhos colaborativos, que ampliam os limites de sua eficiência. A ausência de limites predefinidos, ou seja, a possibilidade de um desenvolvimento cumulativo de longo prazo, é comparável à ideia de Criação, uma prerrogativa de Deus.

Gênesis 11:7

Venha, vamos descer e confundir sua linguagem para que eles não entendam cada outro.

Gênesis 11: 8

Então, o Senhor os espalhou de lá por toda a terra, e eles pararam de construir a cidade

Gênesis 11:9

É por isso que foi chamado de Babel - porque lá o Senhor confundiu a linguagem de todo mundo. De lá, o Senhor os espalhou sobre a face de toda a terra.

A natureza da punição revela a razão desse ato. A substância da resposta é a destruição dos pré-requisitos que permitiram a construção da cidade-torre: um projeto conjunto por meio de uma linguagem comum. O resultado, a dispersão da humanidade, é o oposto do que caracteriza a urbanidade: a concentração de um máximo número de realidades sociais em um mínimo extensão.

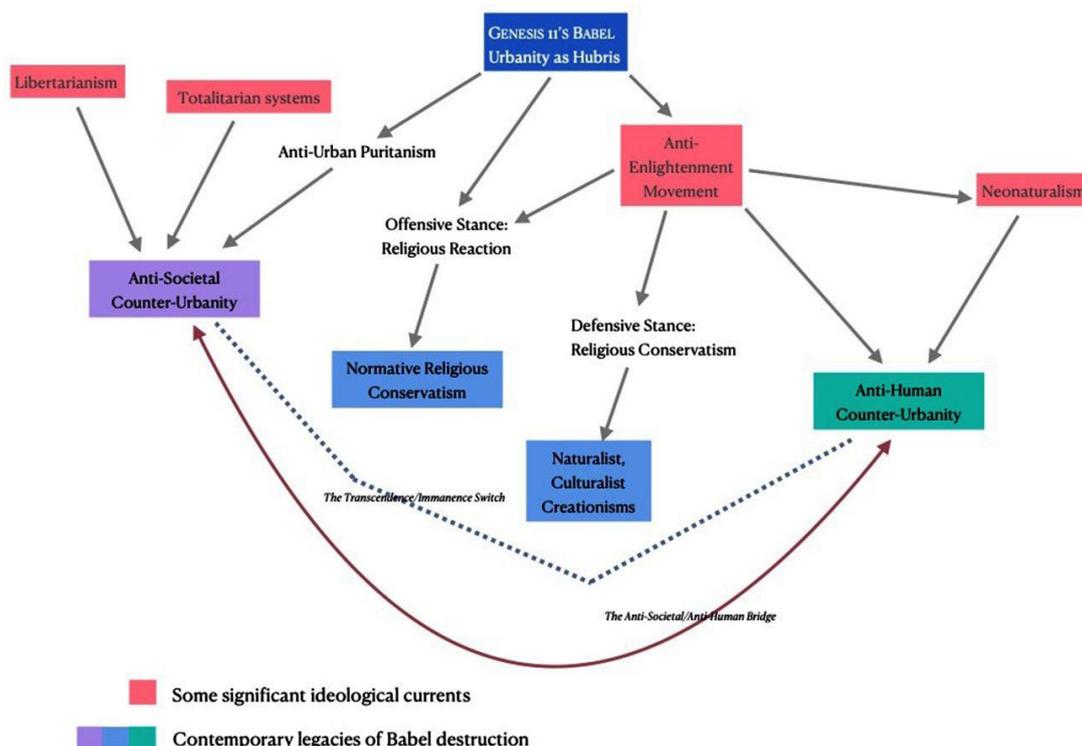
A VIA EXPRESSA DA TRANSCEDÊNCIA À IMANÊNCIA

Os legados do mito de Babel merecem uma inquirição diacrônica aprofundada (LÉVY, 2019). Se, mais modestamente, nós tomarmos a liberdade de pular séculos, podemos tentar analisar a dinâmica do mito de Babel no debate público contemporâneo.

Um legado espesso

No diagrama (Figura 1), identificamos alguns movimentos ideológicos, ligados ou não às tradições judaico-cristãs-muçulmanas. Todos eles fazem parte da dimensão ético-política da história intelectual. A história das ciências sociais, de Max Weber a Henri Lefebvre e Jane Jacobs, foi deixada de lado.

Figura 1 – A Constelação Anti - Babel



ma rede enfraquecida, mas ampliada

Primeiro, vamos observar a parte central do diagrama.

Leon R. Kass (1989) analisa o descontentamento de Deus com Babel. Ele enumera cinco “falhas” pelas quais os humanos são culpados e que justificam a destruição da Torre:

- 1) Eles apagam a distinção entre o humano e o natural ou Divino.
- 2) Eles negam sua mortalidade.
- 3) Eles se concentram na autocriação e negligenciam os padrões morais necessários para a técnica de governar.
- 4) Suas palavras são agora totalmente devotadas à comunicação técnica e não mais revelam o mundo e a verdade.
- 5) As quatro falhas anteriores foram invisibilizadas e a doença assim, torna-se incurável.

É claramente uma justificativa de uma moral transcendente vinda de uma base anti-progresso, porém com um ponto de vista anti-técnico heideggeriano, ao invés de um ponto de vista de um dogma religioso clássico. Deus deveria punir novamente, mas também é tarde. Nessa abordagem, a cidade é apenas um contexto, um conjunto, um cenário, uma moldura; urbanidade e globalidade são simplesmente ignoradas como tal. Para Kass, falar de uma cidade é uma maneira simples de evocar a caverna platônica, onde a humanidade estaria potencialmente presa. O autor (Kass) escreve sobre religião, mas também é biólogo e um estudioso da bioética contratado por George W. Bush em 2001 para criar o Conselho Presidencial de Bioética, posteriormente dissolvido por Barack Obama. Pesquisa sobre embriões, células-tronco e clonagem terapêutica foram os principais tópicos desse Conselho e Kass sistematicamente assumiu posições restritivas a respeito deles todos. Kass (Wikipedia, 2020) advoga um “valor especial ao ciclo humano natural de nascimento, de procriação e de morte” e vê a morte como um “necessário e desejável fim para os humanos e para as aspirações humanas”. Ele vê a mortalidade humana

como uma bênção disfarçada, e revelou sua oposição ousada ao aumento da expectativa de vida humana em busca da “imortalidade biológica”.

Kass faz parte do *mainstream* anti-iluminista, de um "partido" religioso e sua rejeição à autotranscedência e a emancipação humana é forte e clara. É ainda mais significativo que ele atribua pouco interesse ao referencial urbano usado na alegoria da arrogância do Gênesis 11. Para Kass, a cidade é simplesmente uma “palavra imagem” que corresponde a uma sociedade autônoma e que não transmite nenhum significado extra.

Theodore Hiebert (2007) representa outra variante do "suporte" para a ação de Deus. Duas diferenças principais em relação à abordagem de Kass podem ser observadas na sua interpretação do mito de Babel. Em primeiro lugar, ele vê a destruição da Torre como um evento feliz e em segundo lugar, ele conclui que não há nada de normativo na postura de Deus. Trata-se apenas de uma descrição da diversidade cultural que irá florescer na humanidade.

No entanto, Theodore Hiebert não deve ser considerado um pensador cristão independente. Além de sua obra erudita, ele também é o coautor do Grande Plano de Deus (2019), "a perfeita introdução, para crianças de 1-3 anos, para a diversidade maravilhosa e inspiradora do mundo que Deus criou." Portanto, ele poderia ser classificado como um Culturalista e Naturalista Criacionista. Para ele, e outros autores convergentes, tornou-se difícil propagar para uma audiência geral um Deus punidor. A arrogância e suas consequências foram removidas da Hermenêutica de Gênesis 11. Em troca, um mundo de natureza benevolente e de identidades culturais *immer-jetzt*³, é apresentado: a autoconstrução humana de espaços e tempos, está ainda em disputa ou é renegada, mas à frente dela, há agora novas oposições e novos oponentes.

O diagrama (Figura 1) foi projetado para representar, de uma forma simplificada, os diferentes legados do Gênesis 11, isto é, a "visão de Deus"

³ Sempre agora.

sobre Babel. A zona central do gráfico exhibe atitudes religiosas tradicionais que têm progressivamente desconsiderado o urbano como componente do mito; para aqueles aparentemente mais flexíveis, o caráter normativo do texto inicial foi apagado progressivamente. No entanto, vamos encontrar essa dimensão em dois tipos mais externos de declarações. Na parte do debate religioso, a parte esquerda do diagrama é provavelmente a mais influente. A imanência surge como uma alternativa para uma transcendência enfraquecida (veja a linha "Switch" no diagrama, Figura 1). E ela é duplicada.

Primeiro, a postura libertarianista anti-societal vê a cidade como o exemplo perfeito de uma superimposição de societalidade. Quanto às ideologias neonaturalistas, elas mudaram de "carroceria" (de aparência), mas recuperaram e reutilizaram a engenharia mecânica do mito de Babel. Realizaram uma "troca padrão" dos "componentes" do motor transcendental para o imanente.

Em segundo lugar, algumas ideologias podem estar enraizadas no pensamento de Jean-Jacques Rousseau (1761) quando ele explicou, muito claramente, todos os tipos de coisas negativas que ele atribuiu à "artificialidade" urbana em comparação à "autenticidade" rural. Mais tarde, na maioria dos totalitarismos do Fascismo (em particular o Nazismo Alemão ou o Estado Francês de Vichy) ou do Comunismo (especialmente o Maoísmo, Enver Hoxha⁴ ou o regime do Khmer Vermelho e, mais implicitamente, o Estalinismo) as famílias desenvolveram ódio contra a cidade como forma de rejeição a uma política auto-organizada da sociedade, com seus indivíduos autônomos, sua criatividade indomável, sua forte sociedade civil e seu pluralismo político. Mais especificamente nos Estados Unidos, intelectuais renomados, viram a cidade mais ou menos como um erro ou como um pecado (ORSI, 1999). No mesmo país, porém de um ponto de vista bastante diferente, o movimento

⁴ Chefe por 40 anos do regime socialista albanês.

libertarianista, basicamente, rejeita os impostos, os governos, as disciplinas e os relacionamentos sociais que qualquer cidade requer.

Além de ideologias formalizadas e políticas de estado, o coquetel "puritano" de ideologias antiurbanas e o libertarianismo anti-societal geraram um bem documentado "voo urbano" que fundamentou e fabricou no século XX os assentamentos humanos que constituem a "Subúrbia" na América do Norte (VAETISI, 2013) e a periurbanização na Europa. Essas escolhas pessoais e políticas em favor da "contraurbanização", visam se aproveitar das concentrações urbanas, enquanto se entrincheiram em segregações semicomunais e comunidades corporativas. Contudo, nas últimas décadas, essas práticas massivas aparentemente deixaram de ter uma contrapartida teórica que tenha substância.

O objetivo deste texto não é o de apenas identificar genealogias de discursos e de significados, mas também é o de investigar até onde os pontos de chegada combinam com as atitudes e práticas contemporâneas. As duas últimas seções exploram os dois lados desta "virada imanente" e suas possíveis junções.

Imanência libertarianista: votando com os pés

Nos principais centros das grandes cidades, "bobos" ("**bourgeois-bohème**"⁵, figura que representa as pessoas que desfrutam de um alto nível de capital cultural e econômico) coabitam com migrantes e "pobos" ("**poor bohemian**"⁶, personagem que representa aquelas pessoas que têm muito capital cultural e pouco capital econômico, mas que estão dispostas a gastar muito para morar em bairros centrais de cidades grandes). Bobos e pobos confirmaram seu apego à vida urbana na década de 1970, na Europa Ocidental e na década de 1980, na América do Norte. Enquanto isso, muitos moradores de renda média optaram por deixar os centros para realizar o sonho suburbano/periurbano (casa térrea + propriedade + carro

⁵ Burguês-boêmio.

⁶ Pobre-boêmio.

+ jardim). Esse “voo urbano” começou no início do século XX na América do Norte, e na Europa é um processo posterior, no pós-Segunda Guerra Mundial. Outra diferença é a maior resistência na Europa, à destruição de distritos históricos pelos projetos urbanos inspirados no “Movimento Modernista”. No entanto, no final do século XX verifica-se uma aceleração desse processo⁷ em ambos os lados do Atlântico. Desde então, tem havido algo como um cruzamento de dois caminhos: atividades e pessoas que precisam de ambientes de vida urbana de alta intensidade e atividades e pessoas que não precisam ou que simplesmente as rejeitam.

Arbitragem em modelos habitacionais

Esse cruzamento tem, é claro, fortes efeitos sobre as condições convenientes de um espaço urbano. Núcleos urbanos podem ser estendidos para as áreas vizinhas (como West Brooklyn ou West New Jersey em New York), porém a pressão sobre os preços dos imóveis em áreas centrais permanece dramática. No entanto, em desacordo com uma literatura abundante sobre “gentrificação”, a mistura social aumentou (devido ao declínio dos guetos dos centros das cidades) ou tem sido mantida em alguns outros bairros por arbitragem, tão expansiva quanto possível, em favor de uma habitação no centro da cidade (no núcleo denso). Em cidades europeias, as políticas públicas de habitação social também compensaram parcialmente o crescimento no preço do solo, apoiando os habitantes de média e baixa renda preservando diversidade funcional e sociológica dos bairros. Como resultado, as áreas centrais das cidades (e mais ainda nas grandes) são, sem dúvida, mais misturadas do que qualquer outro gradiente de urbanidade.

Essas alternativas criam uma nova geografia, embora desigualdades significativas nas oportunidades para escolher o modelo na forma de habitar persistam. No entanto, é inegável que o mapa atual da distribuição da população está gradualmente convergindo para os desejos

⁷ O voo urbano em direção ao subúrbio/periurbano

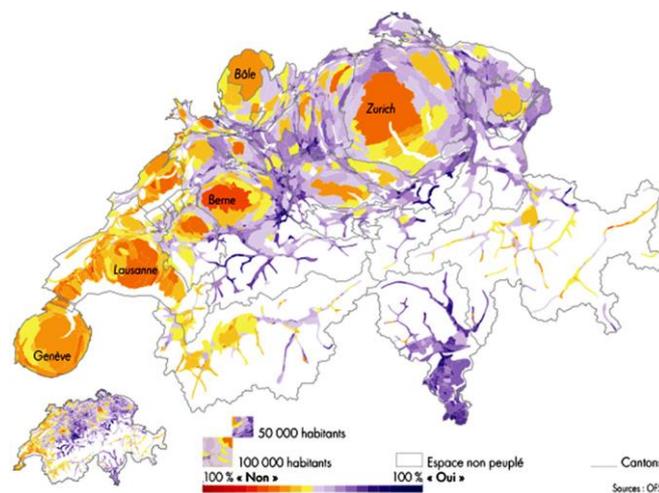
da população. Dito de outra forma: menos pessoas são forçadas a vivenciar um "estilo espacial" num *gradiente de urbanidade* (LÉVY & LUSSAULT, 2013) que eles não gostam. Portanto, não é por sorte que tal escolha estratégica na forma de habitar (onde e como gostaria de morar) encontra outra escolha estratégica, que é a orientação política (quais valores e horizontes eu gostaria para a sociedade).

Uma enorme divisão política espacial

Os mapas a seguir mostram as recentes geografias eleitorais na Suíça, na Grã-Bretanha, na Áustria, na França e nos Estados Unidos. Cada caso, opõe eleitores "progressistas" aos "populistas".

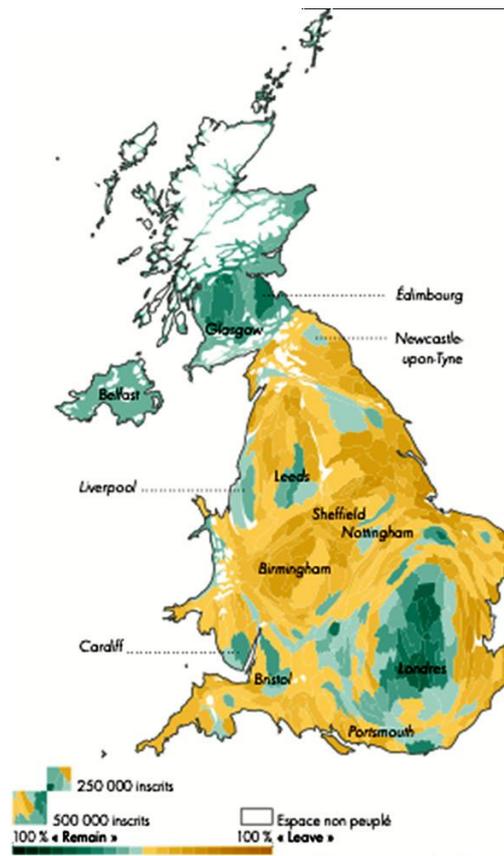
O fenômeno é massivo e difundido no Ocidente (LÉVY, 2017). Na Europa, quase todos os países mostram o mesmo padrão: nos centros das cidades, principalmente nas metrópoles, os eleitores aderem aos espaços públicos, aos bens públicos, à construção europeia e à globalização, enquanto, no subúrbio ou nos gradientes do periurbano, a aderência ao nacionalismo e a rejeição a qualquer tipo de alteridade prevalecem. A prevalência deste padrão é tão forte que tem sido possível formalizá-lo num modelo de equação simples (LÉVY, 2020a).

Figura 2 - Referendum suíço de fevereiro de 2014 "contra a imigração em massa"



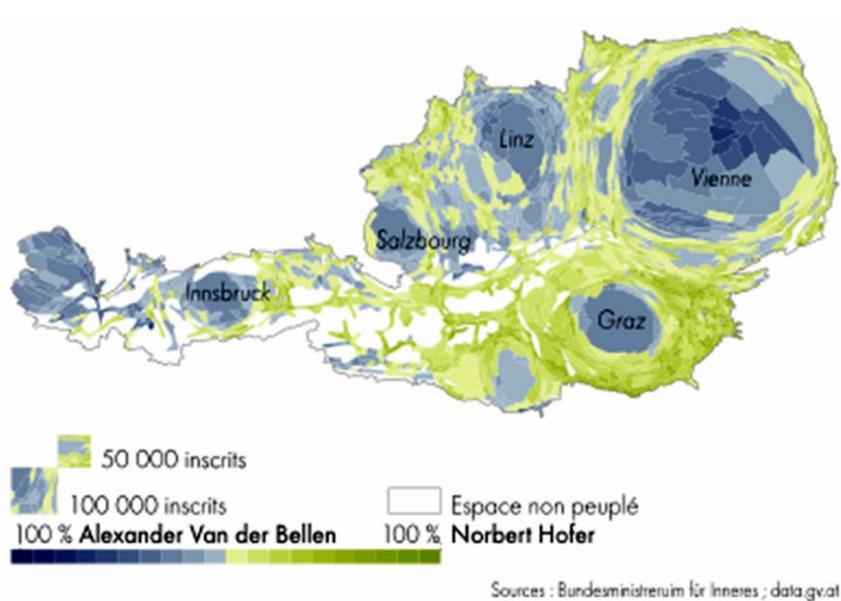
Cartograma diferenciado (população). Fonte: Lévy 2017

Figure 3 – Junho 2016 Referendum do 'Brexit'



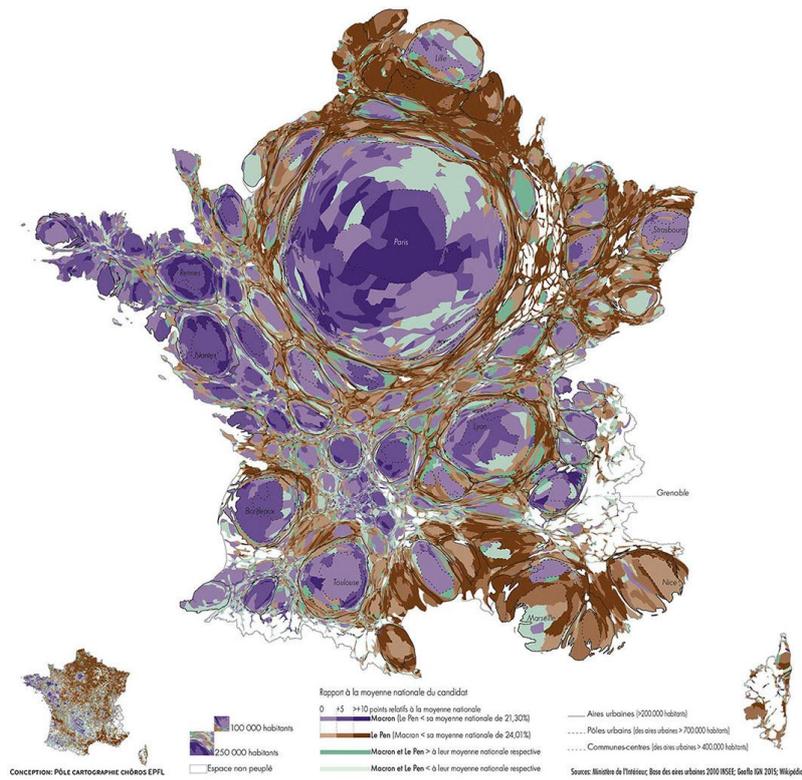
Cartograma diferenciado (população). Fonte: Lévy 2017

Figura 4 – Eleição presidencial da Áustria (Dezembro, 2016) – segundo turno



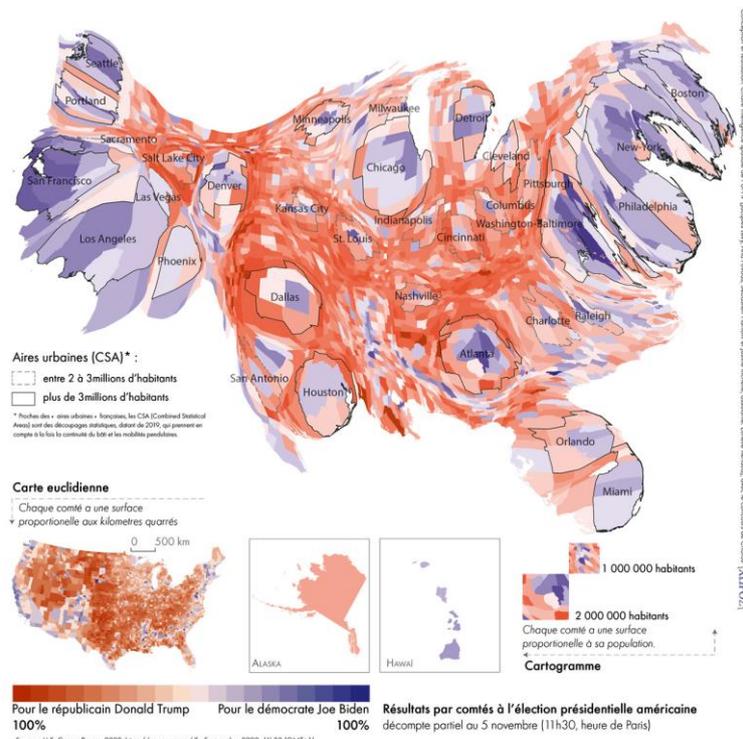
Cartograma diferenciado (população). Fonte: Lévy 2017

Figura 5 - Eleição Presidencial na França (Abril, 2017) – primeiro turno



Cartograma diferenciado (população). Fonte: Lévy 2017

Figura 6 - Eleição Presidencial nos EUA (novembro, 2020)



Cartograma diferenciado (população). Fonte: Lévy 2020

Novos problemas para justiça espacial

Com nostalgia, muitos eleitores “populistas” se referem a uma era de ouro de salários elevados e bons serviços de utilidade pública. Esses eleitores estariam agora menos equipados com comodidades sociais em comparação com os outros? Os lugares que eles habitam foram “abandonados” pelas políticas públicas? Essa situação de abandono está longe de ser evidente. De uma forma geral, os habitantes das franjas urbanas do subúrbio americano (“Subúrbia”) ou do periurbano europeu são mais ricos do que os habitantes que vivem na centros das cidades. No entanto, muitos cidadãos que vivem fora das áreas urbanas concentradas expressam a sensação de terem sido deixados para trás e isso levou-os a apoiar políticos “populistas” sintetizados na figura de Donald Trump nos Estados Unidos e nos poderosos movimentos nacionalistas-xenófobos na Europa.

[O que está acontecendo é que] em primeiro lugar, novas liberdades geográficas foram amplamente difundidas em grande parte das sociedades desenvolvidas. A mobilidade ficou mais rápida e a habitação é, em termos relativos, mais barata do que costumava ser na primeira metade do século XX. Essa dupla condição mudou o contexto das estratégias espaciais, aumentando o leque de alternativas individuais. Em grandes cidades, considerando os gastos com habitação + modalidade há uma certa neutralização econômica desses fatores, considerando as localizações mais internas e as externas: nos centros, você paga muito mais pela propriedade, mas menos pela mobilidade, graças ao sistema de transportes públicos; nas áreas mais externas ocorre o oposto. Outros parâmetros como apartamento vs casa, propriedade vs locação e, cada vez mais, várias opções de estilo familiar encontram-se no quadro de escolhas individuais. Existe um grande “grupo intermediário” de pessoas e famílias que deve e pode operar essas arbitragens, um “grupo superior” para o qual isso não é necessário e um “grupo inferior” para o qual isso não é possível.

Essa situação pode ser assim resumida: para uma grande parte dos habitantes do Ocidente, o desejo de fugir da cidade tem sido possível de se realizar. O resultado dessa nova liberdade é um sonho novo ou antigo que foi cumprido. Se as motivações variam, muitos estudos convergem para relacionar algumas expectativas dos moradores à escolha da grande maioria destes suburbanos/periurbanos. São elas: a possibilidade de selecionar seus vizinhos; uma "calmaria social" como derivação da homogeneidade sociológica; a separação funcional de espaços; a privatização da vida cotidiana e as condições de mobilidade também podem ser mencionadas. Essas expectativas/desejos configuram uma quase definição inversa de urbanidade.

Esses mapas apresentados não apelam para a adoção de um novo estruturalismo espacial que iria substituir o antigo estruturalismo econômico. Não há, de forma alguma, um efeito mecânico das condições objetivas de um lugar sobre os votos. Em geral, em cada cidade europeia ou norte-americana, os bairros onde "populistas xenófobos" obtêm o máximo de votos não são aqueles onde os estrangeiros são muito numerosos, muito pelo contrário. A dimensão espacial desta nova dinâmica social contém um componente político de pleno direito. Hoje, esses habitantes mais livres são, simultaneamente, cidadãos mais fortes.

Imanência neo-naturalista: Babel em tempos de pandemia

A pandemia da Covid-19 de 2020 abriu a oportunidade para uma corrente emergente especificar suas visões e radicalizar uma afirmação mencionada anteriormente: tudo que é negativo vindo da natureza deve ser visto como uma punição pelos terríveis comportamentos dos humanos. Textos recentes e outros mais antigos publicados pelos filósofos franceses Dominique Bourg e Bruno Latour permitem concluir (LÉVY, 2020) que os diferentes componentes, no que há de convergente em suas abordagens (eles também mostram diferenças), esboçam um consistente raciocínio

moral e político e criam uma imagem religiosa de que o vírus⁸ é um oráculo benevolente do apocalipse vindouro e que os humanos são agentes patogênicos. Para eles, a referência de um sistema político desejável não é mais a democracia; é o pensamento de Carl Schmitt. Para Bourdieu, a pandemia é "último aviso da natureza"; para Latour, os "terrestres" (ele está ao lado desses) estão envolvidos em uma luta titânica de vida ou morte contra os "humanos". Para ambos, as ideias de progresso, de emancipação, de desenvolvimento e do Iluminismo devem ser condenadas para sempre e descartadas. Para ambos, uma onda religiosa baseada na imanência é a resposta certa para a situação atual.

Esse ponto de vista não é novo. Qualquer religião baseada na transcendência sempre incluiu (ou teve que incluir) uma grande variedade de realidades (objetos, personagens, ambientes, situações e eventos) enraizada na vida concreta para tornar sua fala compreensível e apropriada para o adorador comum. No entanto, durante séculos no cenário intelectual do Ocidente colocou-se a ênfase em ontologias metafísicas, em um Deus antropomórfico, e em um Sujeito soberano, negligenciando estruturas alternativas. Na profusão filosófica do século XVIII, aspectos substanciais do pensamento de Rousseau e do de Johann Gottlieb Fichte – e no seu rastro, de todo o "romantismo alemão" – sobrecarregados por uma abordagem imanente da natureza e do sagrado, foram marginalizados. Por dois séculos, o naturalismo era um recurso profundamente ancorado em mundos sociais, mas que permaneceu teoricamente adormecido como um "estranho" conceito. Podemos, portanto, chamar de neonaturalismo o *corpus* de ideias, cujo surgimento tem acompanhado (como inspiração ou desenvolvimento) o movimento de consciência ecológica do final do século XX.

Em primeiro plano, podemos identificar alguns filósofos como Martin Heidegger, Hans Jonas e seus discípulos, ou personagens difíceis de classificar como Bruno Latour. No fundo, há uma vasta nebulosa de

⁸ SARS-coV-2 que produz a Covid-19.

"colapsologistas", de anarquistas misantropos, radicais ou rurais, de fundamentalistas que, junto com pensadores de linha de frente, estão esboçando o novo campo do pensamento reacionário contemporâneo. A pandemia da Covid-19 tornou mais visíveis convergências entre pessoas e grupo, assim como os componentes religiosos de algumas orientações.

Na primeira fase da epidemia no Ocidente (março-abril de 2020), o movimento principal foi para demarcar o vírus como um efeito colateral da "crise climática". A pandemia anunciaria um futuro de eventos climáticos ainda piores. Tanto no caso do clima quanto nos das epidemias, os humanos seriam culpados por terem perpetrado abusos do mesmo tipo nos ambientes naturais. Esse casamento, racionalmente discutível, pode ser visto como uma tentativa de desviar recursos políticos, que vem do medo do vírus e da capacidade, mostrada pelas sociedades do mundo, para conduzir políticas públicas massivas e corajosas. Por que tanto pelo coronavírus e tão pouco para o clima? - reclamaram alguns. A dimensão urbana não foi enfatizada por esses autores nessas críticas, mas os exemplos de uma junção entre o neonaturalismo e a imanência antissocial (e anti-societal) mostram que a construção de uma estrutura comum, dando um papel fundamental para abordagens centradas no espaço e a herança ideológica de Babel, está em andamento.

Uma junção

Essa nova estrutura torna possível uma aproximação entre o segmento à esquerda e o segmento à direita do diagrama (Figura 1), conforme sinalizado pelas setas "bridge". Em diferentes fases de sua vida, Alberto Magnaghi seguiu, de certa forma, o itinerário de Friedrich Engels em a "Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra" (1845) e em "Sobre a questão da moradia" (1872). Ele começou denunciando a cidade capitalista para desafiar, no final das contas, a ideia de cidade em si. Magnaghi propõe uma organização de *bioregioni urbane*, quer dizer, uma revisão dos distritos de sociedades locais e regionais, com base em

configurações orográficas e hidrográficas. Dentro dessa perspectiva, a regra seria aceitar um máximo de 300.000 pessoas em cada assentamento humano⁹. Essa agenda requiriria esvaziar muitas áreas urbanas existentes. Magnaghi alinha-se com um grupo de autores em busca de um porte ideal para cidades, que seria um "tamanho humano", que é geralmente uma marca de relutância em relação a qualquer cidade. Magnaghi (2016) confessa, “atualmente minha preocupação principal é como evitar a urbanização do mundo”. Num texto recente assinado por Bourg e outros autores (BOURG et al., 2020), a mesma ideia de limitar as cidades a 300.000 habitantes aparece. A relação com Gênesis 11 é detectável: uma cidade que poderia crescer sem restrição de tamanho é apresentada como uma expressão típica de arrogância humana. Com Magnaghi temos uma primeira visão das possíveis relações entre as ideologias do neonaturalismo e do antiurbano.

Essa também é uma primeira porta de abertura entre as visões puritanistas e o libertarianistas. Essa conexão torna-se mais clara com o segundo exemplo. Como Magnaghi, Kirkpatrick Sale (1985) é um partidário do “biorregionalismo”, um esquema político baseado na autarquia de pequenas unidades espaciais “naturais”. Sale pertence, sem dúvida, à corrente (de pensamento e de militância) norte-americana da “ecologia profunda”, inspirada por Henry David Thoreau, John Muir, Frederick Jackson Turner, Rachel Carson, e vários outros protagonistas do naturalismo lírico americano. Sale também foi rotulado como “neo-ludita” porque incentiva a destruição de máquinas e outros meios da produção por serem símbolos do capitalismo e sua exploração. Finalmente, Sale é uma figura proeminente do secessionismo, que é a alegação de que qualquer pessoa ou grupo tem o direito legítimo de optar em não participar de uma entidade política maior. Ora, essa é uma figura de proa dos programas dos partidos libertarianistas dos EUA.

⁹ Uma ressonância do Movimento Cidade Jardim, de Ebenezer Howard que propugnava cidadezinhas de no máximo 35 mil habitantes. N.T.

Assim, o *link* entre a parte esquerda e a parte direita do gráfico, funciona contornando o antigo *mainstream*, que é o bloco da transcendência. Por outro lado, o partido “da imanência” se move para a linha de frente contra a cidade, contra a sociedade e o societal (enquanto forma de organização social) e contra os humanos como um todo.

Estamos observando uma virada religiosa em alguns movimentos políticos e uma virada imanente na constelação religiosa do Ocidente. Essa dupla mudança teve também um impacto sobre as instituições mais importantes. Uma evolução lenta, pode ser assim percebida no discurso do Papa Francisco, ao atacar mais diretamente, não apenas os imorais efeitos colaterais do desenvolvimento, como a injustiça social, mas a ideia de progresso. Isso é visível em sua Encíclica *Laudato si* de 2015, seguindo os primeiros movimentos feitos por João Paulo II (ver, por exemplo, a Encíclica de 1991, *Centesimus Annus*). Um significativo autor jesuíta francês, François Euvé (2020), recentemente propôs uma mudança estratégica que poderia ser um balão de ensaio para um movimento católico geral da Igreja: ele culpa a *libido dominandi* que os humanos aplicam aos mundos biofísicos e seus “pecados ecológicos” e resume sua visão neste lema: “Qualquer conduta imprópria contra a natureza é uma má conduta contra Deus”. Ele também rejeita a tradicional “postura pendente” da Igreja e sugere que essa mudança é a única maneira dos Católicos para recuperar sua legitimidade perdida. A grande mudança é que o “antropocentrismo” que ele denuncia não é sobre rivalidade com Deus; é a rivalidade com as outras criaturas, uma postura que geralmente não é - este é um eufemismo - o discurso dominante do corpus religioso judaico-cristão no Oeste. O argumento clássico, da dupla responsabilidade humana e religiosa (o homem foi criado por Deus à sua imagem e é por isso que o homem é responsável em seu lugar) aparentemente torna-se obsoleto. A referência e o critério da responsabilidade humana agora é, desse momento em diante, a Natureza, ligada por laços indiretos com um todo-poderoso, porém ausente de Deus. Desde a ciência e a filosofia do

Renascimento, Deus deixou o mundo racional das causas. Ele agora está deixando o mundo moral dos mandamentos. O problema com Babel não é mais a auto-organização bastante eficaz das sociedades, mas o próprio fato que os humanos são intrinsecamente perigosos.

O bastão do Gênesis 11 foi passado de uma forma inesperada. Os novos corredores não se encaixam no modelo de um exército disciplinado e hierarquizado que as igrejas institucionalizadas, semelhantes a um estado, há muito simbolizam. Embora eles gerem redes intrincadas, ondulantes e instáveis, eles são potencialmente capazes de mobilizar militantes e multidões. Esses indisciplinados, às vezes desleixados soldados, continuam de forma feroz o combate da Divindade x Humanidade.

Essa continuidade dá um papel incomparável à urbanidade. Como um vasto artefato auto-organizado humano, as cidades merecem o culpa da arrogância humana. Sendo uma combinação de densidade e diversidade, elas apresentam o mesmo nível de exposição à alteridade como as do próprio mundo, e fornecem a oportunidade – exatamente a mesma oportunidade encontrada no Gênesis 11 - para atrair o ódio pela urbanização e pela globalização no mesmo pacote. Finalmente, como lugares de emancipação das lealdades comunitárias, elas são o alvo evidente das correntes "iliberais" e anti-iluministas.

A Fábula de Babel

Eu gostaria de concluir apresentando um fundamento para uma ciência cidadã (CHÔROS, 2018; CHÔROS, 2020). Justapor "ciência" e "cidadão" não introduz, de forma alguma, qualquer restrição à livre busca, independente e incorruptível da verdade, que é o que define a pesquisa científica. É exatamente o oposto da informação escravizada por grandes sistemas ideológicos holísticos que opõe as ciências "proletárias" às ciências "burguesas" ou que finge hierarquizar os resultados da pesquisa conforme o ponto de vista da "posição" do autor. Um cidadão cientista,

simplesmente, não se esquece que existe produção de conhecimento fora da academia. Ele, ou ela, admite que os outros cidadãos não precisam de "professores" de ética e nem de "pedagogia" política. Ele, ou ela, está ciente que o que está em jogo no debate público, é uma questão para todos os cidadãos, não apenas para os "especialistas". Por isso, fico feliz em pegar emprestadas como minhas, algumas palavras de Stefan Zweig (1916a; 1916b). Sua história ou fábula, foi publicada em jornais, quase simultaneamente em francês e em alemão, no vórtice da Primeira Guerra Mundial. Na sua conclusão, ele abre um novo capítulo no "romance" de Babel:

A confusão que Deus instilou nas almas é ainda muito grande, pode levar anos, antes que os irmãos de outrora trabalhem novamente em competição pacífica com a eternidade. Mas devemos voltar ao edifício, cada um para o lugar que deixou no momento da confusão. Talvez não vejamos o outro trabalhando por anos, talvez, raramente, ouviremos uns aos outros. Mas começaremos a trabalhar agora, cada um em seu posto, com o ardor antigo e a torre vai subir novamente e, nas alturas as nações vão se encontrar novamente. (ZWEIG, 1962)

Essa profecia mostra que o mito de Babel ainda é uma promissora matéria-prima para o agenciamento cidadão.

Reconhecimento

Esse trabalho foi possível graças ao apoio do *Max Weber Centre for Advanced Cultural and Social Studies (Kolleg-Forschungsgruppe 'Religion and Urbanity')*, *University of Erfurt* na qual o autor foi hospedado como bolsista na primavera de 2020.

REFERÊNCIAS

BOURG, D. et al. (2020). **Propositions pour un retour sur terre**. Good Planet Mag', Agril 16. disponível em: <<https://www.goodplanet.info/2020/04/16/propositions-pour-un-retour-sur-terre/>>. Access, April 16, 2020.

CHÔROS (2018). Manifeste. Available at: <<https://www.choros.place/manifeste>>. Access on: February 1, 2021.

_____ (2020). La science citoyenne et la démocratie interactive pour gouverner l'incertain. Le Monde, disponível em: <<https://journal.lemonde.fr/data/821/reader/reader.html?t=1588865297340#!preferred/0/package/821/pub/1159/page/30>>. Access, February 1, 2021.

EUVÉ, F. (2019). L'anthropocentrisme moderne a contaminé le christianisme. Le Monde, 24 December. disponível em: https://www.lemonde.fr/idees/article/2019/12/24/francois-euve-lanthropocentrisme-moderne-a-contamine-le-christianisme_6023928_3232.html. Acesso em: February 1, 2021.

HARLAND, P. J. (1998). Vertical or Horizontal: the Sin of Babel. *Vetus Testamentum*, v. 48, n. 4, pp. 515-533.

HIEBERT, T. (2007). The Tower of Babel and the origin of the world's cultures. *Journal of Biblical Literature*, v. 126, n. 1, pp. 29-58.

KASS, L. R. (1989). What's Wrong with Babel. *The American Scholar*, v. 58, n. 1, pp. 41-60.

LÉVY, J. (1994). **L'espace légitime**. Paris, Presses de Sciences Po.

_____ (ed.) (2017). Atlas politique de la France. Paris, Autrement.

_____ (2019). Which Urbanity Is Babel the Name of?", fellowship research programme. Erfurt, Max-Weber-Kolleg.

_____ (2020a). Ce dont on peut parler, il faut le dire. Les mutations de l'espace politique et ses enjeux. *EspacesTemps.net*, January. disponível em: <https://www.espacestemp.net/en/articles/ce-donton-peut-parler-il-faut-le-dire/> Acesso em: February 1, 2021.

_____ (2020b). Les prophètes de l'immanence. Le coronavirus au prisme du néonaturalisme. *EspacesTemps.net*, April. disponível em: <https://www.espacestemp.net/articles/les-prophetesde-limmanence/>. Acesso em: February 1, 2021.

LÉVY, J. & LUSSAULT, M. (eds.) (2013). **Dictionnaire de la géographie et de l'espace des sociétés**. Paris, Belin, new edition.

LÉVY, J. et al. (2020). Topologies politiques. Espace politique et dynamique sociale après l'élection présidentielle américaine de 2020, [co-published by] Le Grand Continent; *EspacesTemps.net*, December.

MAGNAGHI, A. (2016). "Dalla città fabbrica al pianeta degli slum", cycle Sguardi sulla città, lecture, 26 May. Calusca bookshop, Milan. disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=aO5b_QoVdsA. Access on: February 1, 2021.

ORSI, R. (1999). **Gods of the City**. Bloomington, Indiana University Press.

ROUSSEAU, J.-J. (1761). Julie ou la Nouvelle Héloïse. Amsterdam, Marc-Michel Rey. The hated city, from transcendent to immanence *Cad. Metrop.*, São Paulo, v. 23, n. 51, pp. 499-517, maio/ago 2021 517

SALE, K. (1985). **The Bioregional Vision**. San Francisco, Sierra Club.

VAETISI, S. (2013). Anti-urban ideologies and practices in the evolution of the American City. *Antiurbanism in America. Transylvanian Review*, v. XXII, n .3, pp. 82-95.

WHITE, M. & WHITE, L. P. (1962). **The Intellectual versus City**. From Thomas Jefferson to Frank Lloyd Wright. Cambridge, Harvard University Press.

ZWEIG, S. (1916a). *La tour de Babel*. Genève, Le Carmel.

_____ (1916b). *Der Turm zu Babel*. Berlin, Vossische Zeitung.

_____ (1962). *The Tower of Babel*, translation from Zweig, 1916b, *Judaism Quaterly*, v. 9-4, pp. 3-5.